Identidade e diáspora: a redefinição identitária de estudantes africanos no Brasil

RILDA BEZERRA DE FREITAS *

Resumo: As intenções analíticas desse estudo circunscrevem a exigência de tecer teórica e criticamente a relação existente entre identidade e diáspora. Trata-se, portanto, de um esforço conceitual e reflexivo, na tentativa de identificar rupturas, desconstruções e reconstruções da categoria identidade no âmbito das ciências sociais e humanas, relacionando-a com os processos diaspóricos vivenciados por estudantes de origem africana que migram para o Brasil em busca de concluir o ensino superior. Para isso, tomou-se como quadro de referência teórico-metodológica o "Campo dos Estudos Culturais", circunscrito como campo de estudo dinâmico, inacabado e em permanente mutação. O desafio é, pois, levantar pontos para consubstanciar essa análise, na tentativa de aprofundar e acirrar o debate sobre os deslocamentos, fluxos migratórios e processos de diáspora vivenciados no tempo presente por estudantes africanos que migram para o Brasil.

Palavras-chave: Identidades; Fluxos migratórios; Processos de diáspora; Jovens estudantes africanos.

Identity and diaspora: the identity redefinition of African students in Brazil

Abstract: The analytical purposes of this study involve the demand of treating the critical and theoretical relation which there is between identity and diaspora. It treats about therefore, a conceptual and reflexive effort, in order to identify ruptures, deconstructions and reconstructions of the identity category involving the human and social sciences, relating it to the diaspora processes. African students have lived these processes when they move to Brazil in order to conclude their superior education. In order to study this, the investigation was based on the Cultural Studies Field as the theoretical and methodological picture reference. The Cultural Study Field circumscribes the dynamic study field, not concluded and it stays in changing. The challenge is therefore to discuss points in order to construct the analysis, and this way to intensify the debate about the mobilizations, migratory fluxes and diaspora processes in Brazil. Young African students have lived these processes nowadays.

Key words: Identities; Migratory fluxes; Diaspora processes; Young African students.

* **RILDA BEZERRA DE FREITAS** é Doutora e Mestre em sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

1. Introdução

1.1. O objeto de estudo em suas exigências e sutilezas: A relação existente entre identidade e diáspora no contexto contemporâneo

O esforço analítico desse artigo resulta das demandas do próprio objeto investigativo, que exigiu pesquisas e leituras sistemáticas sobre a questão das identidades contemporâneas. Tais leituras foram fundamentais para o entendimento do chamado processo de "fragmentação identitária" e "descentramento do sujeito", denominado por alguns autores de *crise identitária*[1]. Em verdade, essa compreensão hoje é entendida como um contexto mais amplo de mudança social, que parece deslocar estruturas e processos centrais das sociedades modernas, balançando, assim, os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Diante da multiplicidade de enfoques que permeiam o conceito de identidade, resolvi adotar o "Campo dos Estudos Culturais" (HALL, 2003) como referência teórica. De fato, optei por utilizar aportes que retomam a questão da identidade como base conceitual de investigação, na tentativa de entender o processo de deslocamento vivenciado por jovens africanos que migram para o Brasil com o objetivo de realizar a formação universitária, tendo ao fundo a tendência de transnacionalização e globalização em curso na sociedade[2].

Sobre a tendência de transnacionalização e globalização em curso na sociedade, tomei de empréstimo a descrição de Boaventura de Sousa Santos (2001) sobre o tempo presente. Nessa compreensão, a contemporaneidade constitui um cenário de processos, transições e mudanças radicais, as quais apontam para um novo padrão civilizacional. Nessa perspectiva, é possível afirmar que vivenciamos, hoje, uma fase de transição societal e paradigmática, que desencadeia múltiplos enfoques acerca da discussão contemporânea de identidade. Daí, o entendimento de que a concepção de identidade, com origem na teoria antropológica tradicional, hoje, no contexto das ciências sociais e humanas, também passa por múltiplas discussões e rigorosas críticas.

Para muitos autores, o contexto atual é definido como um período contraditório e de "trânsito" societal. O que torna, talvez, pertinente a critica sobre a concepção de uma identidade fixa, originária e essencialista, consubstanciada pela luta por direitos humanos e de cidadania como

[1] Vale destacar que o esforço investigativo desse estudo não é avaliar se existe uma "crise de identidade", ou em que consiste essa crise e que direção ela está tomando, mas, sim, entender os delineamentos acerca do conceito contemporâneo de identidade para pensar os processos diaspóricos de jovens africanos e seus deslocamentos para o Brasil.

2. Chama-se globalização, transnacionalização ou mundialização, o processo de interdependência entre os povos e países da terra. Como diz BHABHA (2007), somos obrigados a "viver nas fronteiras do presente", nas quais o indivíduo, a identidade, a história e a cultura não se situam apenas no nível do grupo, da classe, da nação e, "apesar de não perdermos a fisionomia original, ultrapassamos fronteiras e situamo-nos para além". Além de nossa terra natal, além dos nossos valores. A todo o momento se aprende novos valores através da TV e dos meios de comunicação. O que predomina hoje é uma sociedade mundializada, global, na qual todas as marcas, particularidades, segmentos e singularidades possuem traços e determinações conferidos pelo movimento geral de uma sociedade capitalista mundial e integrada.

afirmação de uma "essência" negra, feminina, indígena etc. Cabe aqui indagar: existiria uma essência negra, indígena e feminina, de fato? Segundo Stuart Hall (2003), essa é uma questão a ser entendida sob um duplo ângulo: de um lado, critica-se a concepção de identidade fixa e essencialista, partindo da ideia de que outra inflexão temática começa a se delinear no tempo presente; de outro, ocorre uma efervescência de debates em torno da questão das identidades, assumindo-as como assunto em pauta nas agendas políticas e sociais da contemporaneidade. Para o autor, vivenciamos hoje uma "uma explosão discursiva" (2000, p. 103), em torno desse conceito.

Partindo desse duplo ângulo, Nestor Canclini (2001, p. 165), questiona: "onde reside a identidade? Com que meios ela é produzida e renovada hoje?". Ou na formulação de Cuche (1999, p. 107): "importa saber o que significa essa "moda" das identidades [...], sobretudo, o que se entende por identidade?" Ou ainda, no dizer de Santos (2006, p. 249): "as identidades contemporâneas são o produto de jogos de espelhos[3] [...]. São sempre relacionais, mas raramente recíprocas".

Nessa "explosão discursiva", sustento a ideia de que esta categoria, ou seja, a identidade assume uma posição central na teoria e na prática contemporânea, legitimando-se por meio de uma forte conotação política no enfrentamento das desigualdades e no reconhecimento das diferenças. Tal visão elabora a crítica que norteia a ruptura com a concepção tradicional de identidade, atentando para o fato de que "as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado" (HALL, 1999, p. 07).

Nesse debate, se entrecruzam diferentes vertentes teóricas e múltiplas representações construídas por sujeitos que experimentam os chamados processos "diaspóricos" e as redefinições identitárias. Daí, a ideia de refletir sobre a saga de estudantes africanos que migram para o Brasil em busca de formação profissional, tomando a discussão contemporânea sobre identidade como ponto fundante da análise, a qual traz como arcabouço teórico-metodológico o *Campo dos Estudos Culturais* e, de certa forma, a *Teoria Pós-colonial*[4], como campos em permanente criação, ruptura e reconstrução identitária. Teoricamente, o Campo dos Estudos Culturais possui uma conotação política de forma demarcada, no sentido de criticar os poderes tradicionais e as consequentes

[3] Segundo Boaventura de Sousa Santos, a identidade é originariamente um modo de dominação que se assenta numa forma de produção de poder que o autor designou por "diferenciação desigual" (SANTOS, 1995, p. 42 - 428; SANTOS, 2000, p. 284-290). Para o autor, "As identidades subalternas são sempre derivadas e correspondem a situações em que o poder de declarar a diferença se combina com o poder para resistir ao poder que a declara inferior. Portanto, ao tratar de jogos de identidade, vale destacar que um determinado sujeito, povo ou cultura pode ocupar os dois lados do espelho, ou seja, constituindo-se, ao mesmo tempo, "próspero e subalterno", dependendo da compreensão e do ponto de vista. Um exemplo disso é a colônia Portuguesa, que esteve, ao longo da história, dos dois lados do espelho: próspera e subalterna. Daí a complexidade embutida na metáfora dos jogos de identidade.

[4] Segundo Hall, o êxito dos Estudos Pós-Coloniais deve-se à repercussão internacional dos Estudos Culturais. Sobre essa discussão vide: HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil, 2003

desigualdades no mundo, desenvolvendo, desse modo, uma "crítica por dentro", ao contrário dos Estudos Pós-Coloniais, que têm como proposta fazer uma "crítica de fora", "uma espécie de descolonização cultural" (DEWULF, 2005, p. 135).

No esforço de relacionar "identidade/diáspora", cabe aqui indagar: qual vínculo existiria entre identidade e diáspora no contexto contemporâneo, afinal? Em resposta a essa questão, Stuart Hall (2003), em seu livro sobre a *Diáspora,* afirma que, em pleno século XXI, a narrativa da *diáspora,* como discurso de libertação, de crença na redenção ou fuga da vida de opressão está mais viva do que nunca, e pode ser resgatada para os dias de hoje. Desse modo, o autor retoma o debate sobre os modelos coloniais, em que Nações-Estados constituídas buscavam a formação de verdadeiros impérios pela apropriação e ocupação de terras no Novo Mundo, ou mesmo em outros continentes (como o africano), circunscrevendo sua análise até as correntes migratórias atuais, em que jovens africanos, em especial, buscam novas e melhores condições de vida nos países considerados mais desenvolvidos ou nos chamados "países emergentes", como é o caso do Brasil. Assim, Stuart Hall dá visibilidade aos processos "diaspóricos" e suas narrativas de deslocamento e construção das identidades culturais, sendo ele próprio considerado um dos "membros cosmopolitas das diásporas[5]", ao lado de Salman Rushdie e Homi Bhabha.

Em verdade, os processos de deslocamentos e de redefinições identitárias vividos por aqueles que mudam de lugar também representariam um forte sentimento de identidade ou identificação com a cultura de origem, mantida através de costumes, crenças, língua ou pelo sentimento de querer, um dia, retornar. É inegável que essa forma de sobrevivência alimente um estado de espera para quem vivencia ou vivenciou este processo. Nas palavras de HALL (2003, p. 415), essa espera só pode ser entendida a partir do "enigma de uma chegada sempre adiada", mantida pela esperança em algo que ficou lá atrás. Desse modo, quando se trata de pensar as influências da diáspora na construção de identidades culturais, é preciso entender que, atualmente, as sociedades são compostas não só por um, mas por diversos povos. Os sujeitos que originalmente possuíam a terra, em geral, pereceram – dizimados pelo trabalho pesado, escravidão, peste e doenças de todos os tipos. E as trocas identitárias – longe de constituir uma relação de continuidade com o passado vivido e com os valores herdados originalmente, se construiu permeada

[5] Apesar de ter nascido na Jamaica, Hall afirma que não viveu o processo de gestação da consciência negra e do rastafarismo jamaicano. Daí o seu estranhamento relacionado à experiência diaspórica. Segundo ele, nasceu na Jamaica e deslocou-se para a Inglaterra, mas sente-se um estrangeiro nos dois lugares: "conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço a nenhum para viver uma experiência diásporica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, e perto o suficiente para entender o enigma de uma 'chegada' sempre adiada" (HALL, 2003, p. 415). Sua trajetória foi marcada pelo nascimento, infância e adolescência numa família de baixa classe-média da Jamaica. Contudo, toda a vida de adulto foi vivida na Inglaterra, conforme ele próprio relata: "vivi na sombra da diáspora negra – na barriga da fera, tendo ao fundo uma vida de trabalho em estudos culturais" (HALL, 1996, p. 68). Daí, talvez, a sua inserção nessa área de estudos, bem como, seu interesse em refletir sobre as questões que envolvem os processos de construção da identidade cultural, com ênfase na análise crítica sobre o ocidente, que segundo ele, "normaliza a África e dela se apropria, congelando-a nalguma zona imemorial do passado primitivo imutável" (HALL, 1996, p. 68-69).

por marcas de rupturas violentas e aterrorizantes.

1.2. Fluxos migratórios, redefinição identitária e a construção de "novos tipos de sujeitos".

Com base na perspectiva de Stuart Hall sobre identidade cultural, busquei encontrar pistas que ajudem a refletir sobre os fluxos migratórios de jovens africanos, circunscrito nas redefinições identitárias vivenciadas por estudantes que experimentam processos de deslocamento em suas trajetórias. Sobre esses jovens, é importante assinalar que, a grande maioria é proveniente de classes populares, os quais vivenciam cotidianamente situações de privação, nomadismo, *estigma* e o desejo de empreender dias melhores, desejo este, que transparece nos relatos e narrativas[6] dos estudantes africanos.

Entretanto, quando questionados sobre a ideia de permanecer no Brasil, após concluir a formação profissional, a grande maioria dos estudantes entrevistados afirmou preferir voltar à sua terra natal, salvo raras exceções. De fato, o País de origem é a "comunidade imaginada", o vetor de retorno, lugar de lembranças e memórias. Concomitante à vontade de retornar à suas comunidades originárias, esses jovens também acalentam o sonho da formatura, o desejo de contribuir com o desenvolvimento de seu País e a busca por emancipação social. Portanto, parece ser o esforço da emancipação o que torna o deslocamento para o Brasil um "projeto de vida".

Nessa perspectiva, o deslocamento mudaria a vida dos que migram para o Brasil e retornam à terra natal; dos que migram e acabam permanecendo no Brasil – por possibilidade profissional, vínculo empregatício ou casamento; e daqueles que não se deslocaram, nem jamais conheceram o Brasil – pais, irmãos, filhos, parentes em geral – mas, que vivenciam um contato direto com os jovens estudantes, construindo, desse modo, "novos tipos de sujeitos".

O fato é que essa intersecção cultural e identitária propiciada no plano físico-geográfico pela diáspora, pelo dispersamento dos povos que saem de sua terra de origem e passam a viver noutra, não faz com que haja o abandono das origens. A origem se mantém, mas também se mistura na nova situação de vida apresentada, sendo também modelada pelo desejo de um dia retornar ao seu lugar de origem.

Nas pistas de Stuart Hall, (2003, p. 27-28), cheguei à ideia de que os sujeitos que vivenciam processos "diaspóricos" jamais poderão fazer a "viagem da volta" concretamente. O ato de voltar à terra natal ou à "cena primária" de suas viagens, agora se traduz num momento posterior de suas rotas. É preciso vivenciar a formação profissional, constituída por um período de quatro,

[6] A rigor, esse estudo não possui a pretensão de utilizar a análise de discurso como técnica investigativa fundamental. Não se trata de interpretar exaustivamente as narrativas, discursos e relatos dos estudantes africanos – alunos meus, com os quais tive contato durante o semestre. Portanto, meu esforço analítico é, sobretudo, "jogar" reflexões que venham a descortinar a suposta relação entre identidade/ diáspora, fluxos migratórios e redefinições identitárias de jovens africanos que migram para o Brasil. Em seu aspecto empírico, a pesquisa ainda está na fase exploratória/de coleta dos dados, com algumas entrevistas realizadas durante incursões na FATENE – Faculdade Terra Nordeste (instituição de ensino superior privada) e UNILAB – Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (instituição de ensino superior pública). Na FATENE, apenas conversei informalmente com alunos e ex-alunos africanos, por ocasião do período de aula e durante o acompanhamento do Grupo de Estudos sobre Identidade e Diáspora - GEID.

cinco ou mais anos de suas vidas. Assim, os processos de redefinição identitária são mediados por um núcleo imutável e atemporal, que liga o passado, ao futuro e ao presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical que o senso-comum chama de tradição, Stuart Hall e Homi Bhabha entendem respectivamente como: "zona de contato" e fronteira[7].

Nesta perspectiva, o hibridismo resultante da "fronteira" ou da "zona de contato", como expressa Pratt (1999, p. 27), não é livre de tensão. Ao contrário, ele se inscreve em relações de poder, sendo representado pela própria relação construída não apenas dualisticamente, mas, a partir do entrelaçamento de valores e costumes, onde o país de permanência para estudos e a terra natal se confundem, numa fusão entre a "identidade/diferença", "familiar/exótico", "distante/perto". Assim, o hibridismo vai resultar dos processos de entrelaçamento de valores, culturas, ideias, posições políticas, religiões e combinações que estão sempre em processo de negociação, assimilação e construção de "novos tipos de sujeitos".

Sobre esses "novos tipos de sujeitos", Stuart Hall sustenta que eles vêm passando por redefinições, ao destacar:

> O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...]. O próprio processo de identificação, através do qual nos projectamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (2005, p.12).

É, portanto, neste momento de trânsito e de entrelaçamento de valores e ideias, de relações políticas e religiões, que surgem novos sujeitos. É quando a cultura se renova e se amplia, bem como a identidade cultural de pessoas e povos que experimentam fluxos migratórios e redefinições identitárias. Desse modo, os novos sujeitos, surgidos dos processos diapóricos têm seus valores reformulados, remoldados à luz da "zona de contato" [8].

Nesse entendimento, os jovens africanos que migram para estudar no Brasil, não poderão retornar à cena primária de suas vidas, uma vez que a experiência com a cultura brasileira estará guardada em suas lembranças. Conforme é perceptível nos depoimentos abaixo:

> Não vejo muita diferença entre tá aqui no Brasil ou em África. Mas, prefiro aqui... Pois aqui, eu posso estudar né? A maior dificuldade é tá longe da família. Mas, os amigos aqui ajudam. Sempre tem alguém que pode ajudar. E, também, as moças são afetuosas... E até firmam namoros consigo, né? Mesmo quando não se tem dinheiro... Eu gosto muito daqui. E até pretendo ficar, se puder... (H. M. M., aluno

[7] Nesse sentido, Bhabha (1998, p. 19) afirma que: "a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente, em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens [...]". Segundo o autor, a ponte fronteiriça "reúne enquanto passagem que atravessa".

[8] De acordo com Pratt (1999, p. 27), "[...] aquilo que chamamos 'zonas de contacto', espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos praticados em todo o mundo".

> do 3° semestre – curso de Ciências Humanas/UNILAB).
>
> O Brasil é meu segundo País. Sinto que agora estou no meio, dividido entre África e Brasil. Quando vou para África, sinto falta de tudo que deixei aqui no Brasil (amigos, namorada, professores etc.) e quando volto para estudar em Brasil, a "saudade da família" – como se diz aqui – é grande. Mas, eu desejo terminar logo e voltar prá minha terra. (N. V. M, aluno do 7° semestre – curso de serviço social/ FATENE).

Na tentativa de entender a fronteira – aquilo que é definido como o "meio" pelo jovem africano em seu depoimento, o autor Homi Bhabha (1998) esclarece da seguinte forma: "são vidas na fronteira", cuja "ponte levadiça", que liga os dois países de referência identitária, pode possibilitar ou não o acesso a novas redefinições identitárias. Nesta perspectiva, a ideia de renegociar com novas rotas e percursos só se torna possível, a partir do entendimento de que a própria diferença entre os sujeitos produz processos de identificação heterogêneos, ou seja: enquanto alguns jovens referem que sentirão falta/saudade do Brasil, outros afirmam ter vivenciado experiências traumáticas durante a temporada de estudos no solo brasileiro. Sobre isso, vale assinalar os relatos a seguir:

> Foi difícil... Tive muitos problemas financeiros e quase não tive apoio da Faculdade. No início ofereceram várias coisas, apoios, benefício, mas depois ficamos sós, entende? Tive que vender chocolate, doces, balas prá continuar os estudos... Tô pedindo Deus que isso termine logo. (I. M. M., aluna do 6° semestre, Serviço Social/FATENE).
>
> O ruim é ficar perdido. Foi assim no início. Fiquei sem ninguém prá pedir socorro. Depois, os professores ajudaram. Mas, todo dia eu fico imaginando quando vai chegar à formatura e o dia da volta prá casa. O dia de abraçar a minha mãe, meu pai e irmãos. Só sabe que é difícil, quem decide enfrentar e viver isso, né? (A. L.M., aluna do 6° semestre de Enfermagem/FATENE).

Diferentemente dos relatos acima, o jovem "M. Alfadjau", afirma ter vivido no Brasil uma troca identitária marcante e um processo de aprendizagem de grande envergadura: *se eu tivesse ficado em África, não estaria formado, não teria passado no mestrado em Administração de Empresas, nem estaria com bolsa de pesquisa de CNPQ e nem estaria fazendo estágio de docência agora. Sou muito grato ao Brasil.* Nesse caso específico, o estudante após concluir a graduação, obteve aprovação no curso de mestrado em instituição pública e com grande concorrência no Brasil, conquistando o terceiro lugar geral e sendo contemplado com uma bolsa de estudos por uma agência de fomento à pesquisa.

Diante dos dados acima, percebe-se que a redefinição identitária vivida por estudantes africanos no Brasil, não pode ser interpretada de forma linear, homogênea e imutável para todos os sujeitos que vivenciam ou vivenciaram tal processo. No caso dos protagonistas desse estudo, a experiência diaspórica é descrita da seguinte forma: como "válida/inválida" e até traumática. Dos 08 estudantes entrevistados, 05 destes – ou seja, a maioria – afirma ter vivenciado uma experiência significativa e válida durante a temporada de estudos no solo brasileiro. Por outro lado, os convênios firmados em torno do acompanhamento e do apoio a ser destinado a jovens africanos em missão de estudos no Brasil, ainda

parece frágil/incipiente. Eis aqui algumas questões para reflexão: Que tratamento, de fato, será dado a jovens africanos que buscam formação profissional no Brasil? Continuaremos com a velha ideia *eurocêntrica* que concebe o imigrante como alguém perigoso, "estranho", "desconhecido"? Continuaremos chamando-os de "intrusos", estrangeiros e forasteiros na "terra dos outros"?

Nesse contexto diaspórico, já não é possível desviar o olhar e não querer ver a quantidade de jovens africanos que invadem a cena das cidades brasileiras. A diáspora, em sua origem epistemológica – do grego *diasporein,* cuja palavra significa semear a dispersão de povos – possibilitaria um processo de "traduação" e redefinição identitária. Nesse entendimento, povos traduzidos e pessoas diaspóricas são aquelas que vivem longe de sua terra natal, real ou imaginária, mas a sua origem se mostra ainda enraizada pela língua falada, religião adotada, ou culturas produzidas. É a busca para retornar a sua "comunidade imaginada", seu grupo, família, "tribo", em meio a um contexto de transnacionalização, que Anthony Giddens (1991) define de sociedade "pós-tradicional".

Na perspectiva de Giddens, um fato caracterizaria essa nova realidade globalizada e "pós-tradicional": é o "desencaixe", ou seja, "o esvaziamento dos contextos locais de ação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço, produzindo uma forte destradicionalização" (GIDDENS, 1991: 29). Contudo, não há em suas formulações a ideia de uma "homogeneização cultural" como consequência da globalização/transnacionalização, mas, o entendimento de que é nesse nível onde são produzidas as diásporas culturais.

Dessa forma, a escolha de migrar para outro lugar comportaria uma experiência "pós-tradicional", a qual envolve não ocorre só uma mudança de rota ou percurso, mas uma redefinição identitária. Nessa lógica, a noção de identidade como uma "celebração móvel" (HALL, 1999), constituída historicamente e não biologicamente, se coaduna perfeitamente ao caso dos estudantes de origem africana que migram para o Brasil em busca de formação profissional. Nesse caso, a opção de sair de sua comunidade de origem, talvez, esteja fortemente vinculada à busca de segurança, de conforto e apoio em outro lugar, partindo da percepção de que é possível exercer múltiplas identidades no contexto contemporâneo.

Considerações finais

Não intenciono, aqui, elaborar conclusões exaustivas sobre os fluxos migratórios e processos "diaspóricos" de jovens africanos que migram de seus países para estudar no Brasil. Em verdade, não percebo esta empreitada investigativa como um final da rota analítica ou uma conclusão investigativa. A rigor, meus processos de pesquisa sobre fluxos migratórios de estudantes africanos, ainda são incipientes. Trata-se de uma série de incursões, estudos exploratórios e entrevistas com alunos da Faculdade Terra Nordeste – FATENE (Instituição de Ensino Superior Privada) e da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB (instituição de ensino superior pública), ambas localizadas no Estado do Ceará.

Nos percursos por mim trilhados, a seguir pistas e vias apontadas nas

trajetórias desses jovens, não foi possível demarcar "pontos de partida ou de chegada". Os passageiros experimentam redefinições identitárias diversas. E, nestas andanças ziguezagueantes, eles vão assumindo suas "posições de sujeito", que parecem ser temporárias, em processos de metamorfose, ou seja, um percurso sempre em aberto. No assumir de tais posições, incorporam personagens diferenciadas no jogo das negociações identitárias. São personagens em cenas que vão se metamorfoseando: é o estrangeiro, "os meninos e meninas da África", o estudante de outro País, o diferente, enfim.

Ao tentar fechar esse artigo, tenho a consciência da incompletude da análise. É preciso ir além, aguçar o olhar, focar as lentes da investigação com maior esforço. Daí, uma certeza: a consciência do caráter "artesanal" da investigação, respaldada na ideia de que o esforço do pesquisador circunscreve um "trabalho de fôlego e não [...] uma coisa que se produza de uma assentada, por uma espécie de ato teórico inaugural, original" (BOURDIEU, 1994, p. 26). Nessa empreitada, devo percorrer uma trilha de declives, veredas ambíguas, em busca dos fios e rastros que levem à compreensão das redefinições identitárias vividas por estudantes africanos no Brasil. E, em meio aos labirintos e teias do objeto, vou ajustando o foco analítico, a partir do próprio movimento do objeto investigado e de suas sutilezas.

Em termos de resultados investigativos, é possível afirmar que "identidade" e "diáspora" são conceitos tão imbricados que é impossível separá-los. Tal percepção vem claramente à tona quando se discute um tipo específico de fluxo migratório. Sair de casa, mudar de lugar, morar em outro país, fazer uma formação profissional superior. Nesse tipo de processo "diaspórico", onde o contexto do País de destino – no caso, o Brasil – apresenta alguma identificação com a cultura da terra natal, ainda assim, os estudantes africanos vivenciam processos de deslocamentos, viagens, mudanças, novos aprendizados, novos contatos, novas negociações de amizade e sociabilidades, novas regras e valores.

Nesse "jogo das identidades", importa não só adentrar os interstícios das redefinições vividas por jovens africanos no Brasil. Importa, também, compreendê-las, analisá-las, interpretá-las. Na interpretação de Stuart Hall (2003), os processos diaspóricos são capazes de produzir "novos tipos de sujeitos", cujas identidades sofrem "metamorfoses", as quais se cruzam ou se "deslocam" mutuamente. A rigor, não existiria nenhuma identidade única, mestra e abrangente – por exemplo, de classe social ou de gênero – capaz de alinhar todas as diferentes identidades. Nesse contexto, o cenário político do mundo moderno estaria se redefinindo, embalado por deslocamentos e processos de identificação, advindos, especialmente, da erosão da chamada "identidade mestra da classe" e da emergência de múltiplas identidades, "pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos". (MERCER, 1990 apud HALL, 1999, p. 21).

De fato, percebe-se hoje um novo padrão de relações internacionais. No Brasil, é evidente o número cada vez maior de estudantes de origem africana que migram em busca de formação profissional, graduação e pós-graduação, inseridos num contexto de

transição/transnacionalização, que circunscrevem novas formas de entender e implementar políticas sociais e educacionais. Sobre isso, surgem novos questionamentos: afinal, o que essa onda migratória de jovens africanos quer dizer? Por que a escolha pelo Brasil? Como interpretar a nova dinâmica social brasileira? Surgem, assim, novos debates a serem tecidos nesse recorte investigativo.

Referências

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____. O terceiro espaço (entrevista conduzida por Jonatham Ruterford). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n°. 24, p. 35-41, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. Prefácio. Barcelona: Paidós, 2001.

CUCHE, Denys. **La noción de cultura em las ciências Sociales**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1999.

DEWULF, Jeroen. **Por vozes nunca dantes ouvidas**: a viragem pós-colonial nas ciências humanas. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed. UFMG, Brasília: UNESCO no Brasil, 2003.

_____.Quem precisa da identidade. In: SILVA. Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1999.

_____.Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** n°. 24, Cidadania, 1996.

IANNI, Otavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

_____. Teorias da globalização. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

MERCER, Kobena. Welcome to the Jungle. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 3ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1999.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**. Bauru: USC, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006. Coleção para um novo senso comum.

_____. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

_____. A reinvenção solidária e participativa do Estado. In: BRESSER-PEREIRA, Luís Carlos; WILHEIM, Jorge; SOLA, Lourdes. **Sociedade e Estado em transformação.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

_____. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

Recebido em 2013-03-13
Publicado em 2013-06-11